

DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

O que é ser uma
escritora negra hoje,
de acordo comigo



I.

O meu maior privilégio imerecido é ter nascido em 1982. Não é ter tido uma educação, ter sido amada e protegida pela minha família. Não é a habitação, ou sequer o acesso à saúde. A data do meu nascimento é o meu maior privilégio. Peso cada palavra. Houvesse eu nascido setenta anos antes, e não haveria lugar para estas linhas, ou para qualquer dos meus livros. Fosse eu uma mulher negra da geração da minha avó, ou mesmo da geração da minha mãe, e o meu destino seria outro. Durante muito tempo, imaginei que escrevia para não desperdiçar a minha vida. Não vivo de escrever, mas escrever é quem sou. Morreria, caso não pudesse escrever, e viveria uma vida de tortura, caso fosse impedida de o fazer, ou se não lograsse encontrar quem me lesse. Caso não pudesse escrever — peso cada palavra —, sucumbiria à tristeza, e é muito provável que enlouquecesse. Houvesse eu nascido setenta, oitenta anos antes, talvez até apenas cinquenta, tivesse eu a mesma inclinação, e o meu destino seria, com sorte, a cozinha, a vassoura, a roça. O meu maior privilégio é este tempo, o meu. Nunca antes na História uma mulher como sou podia aspirar a um destino semelhante ao que vivo. Queeria alguém saber do que pensava, ou imaginava, ou via

ou sentia uma preta? Queria alguém saber de uma preta com queda para as palavras? Queria realmente alguém saber de uma preta, no tempo da minha avó, da minha bisavó, até da minha mãe? Este é o pior dos tempos. É, também, o melhor dos tempos.

2.

Existe tal coisa como uma escritora negra? Serei tal coisa? É isso perfil desejável ou aberração? Redenção ou presente envenenado? Não dá para esquecer, a cada livro, a cada linha, que, há poucas décadas, o meu modo de vida seria impraticável. A coisa específica que é ser uma escritora negra hoje é escrever com a consciência deste facto, que não se aplica a nenhuma das minhas contemporâneas brancas. Fossem elas pobres, nesse outro tempo, e estariam igualmente arredadas do nosso destino comum. Mas não estariam arredadas do seu destino como eu estaria. Não estariam proibidas à autoconsciência do mesmo modo. Não seriam consideradas, elas mesmas, uma ilicitude, no sentido em que eu seria considerada uma ilicitude. Vivo no tempo em que se diz «escritora negra». Apenas neste tempo a vida que inventei que me escolheu pode ser a minha vida. Apenas neste tempo me posso dizer. Fosse eu minha avó, minha bisavó, e abafaria nos meus sonhos inquietos, nos meus pensamentos tortuosos. Fosse eu minha trisavó, preta de carapinha dura, e o meu destino seria o chicote. Ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo, uma mulher deste tempo, é escrever contra esse facto, carregando-o às costas, sem deixar que ele me tolha.

É fazer, a cada página, por abraçar e merecer a alegria cósmica, arbitrária, de ter nascido quem sou só agora. É na página que a responsabilidade advinda dessa alegria se joga. A página é o que me estaria impedido, não houvesse eu nascido em 1982. Estar à altura da minha responsabilidade é estar à altura de ter um lugar na página. A página é o que esteve vedado à minha avó, à minha bisavó, à minha mãe, às mulheres da minha vida.

3.

O meu pai não gostava que eu dissesse que era negra. Havia nele um visível incômodo, se me ouvia dizê-lo. Talvez sentisse, penso agora, que, ao assumir-me negra, negasse a parte dele que há em mim, a parte branca. Toda a vida ele tratou a cor da minha pele como um aspecto sem importância, algo que não estava à vista e não representava uma diferença entre nós. Dizia-me: «Negra? És tão negra como branca», querendo contestar o que parecia óbvio a todos, menos a ele.

4.

Fui para Portugal com o meu pai, em menina. Este facto, arrancar brutal da flor pela raiz, molda e explica o que sou, mesmo aquilo que não sei que sou. Durante alguns anos, imaginei que essa circunstância era uma condenação que me privaria para sempre de toda a felicidade. Habituei-me, entretanto, à distância, fiz dela a minha força. Estou hoje muito longe de chorar a saudade da minha mãe e da minha terra. Longe de essa saudade me martirizar e me derrotar. Mas inclino-me para ela como quem perscruta uma coisa concreta que explica tudo e se mantém, no entanto, misteriosa. Trago em mim o caroço desse mistério, por desconhecer em que medida me fez quem sou, tanto quanto transporto o mistério que é a minha mãe. Pergunto-me, agora que perdi o meu pai, quem virá a ser ela, um dia que morra, como fazer o luto dessa distância, como viver após o cessar dela, como se fará, como se faz? O fim do meu pai deixa-me em pânico com a ideia do fim da minha mãe. E a saudade lança-me na mais fria das perguntas. Que teria sido a vida, caso o meu pai não me tivesse levado em viagem?

5.

O meu pai sempre tratou o facto de eu ser negra como um segredo que ele escondia de mim. Julgo que, desse modo, imaginava proteger-me do racismo. *Se eu não lhe contar que ela é negra, talvez ela não perceba, talvez ninguém note*, parecia pensar, por estranho e absurdo que pareça. Cresci com outras mulheres, que me foram ensinando a ser mulher. Mas com nenhuma dessas mulheres brancas aprendi a ser uma mulher negra no mundo. Não aprendi com nenhuma delas a defender-me do mundo como tem de fazer uma mulher negra.

6.

Foi depois de editar o meu primeiro livro que a minha cor de pele deixou de ser entre nós um tabu invisível. Acordava, por estranho que fosse, para o mundo além da porta de casa, e nesse mundo, novo para o meu pai, ninguém parecia ter dúvidas a respeito de eu ser negra. Além da porta de casa, o segredo que o meu pai julgara esconder de mim era evidente para todos. Ele pareceu ressentir-lo. Incomodava-o que me considerassem africana, que eu me considerasse uma escritora negra ou que fosse percebida desse modo. Talvez imaginasse que mais alguém no mundo me veria como ele me vira até então, parda e a meio, meio branca. Talvez nunca tenha entendido, mas só imaginado, apenas conjecturado, que fora de casa, na realidade, a vida inteira, todos sempre me viram como aquilo que sou.

7.

O que será branco em mim? A gota do meu pai perdeu-se no copo da minha mãe. Ele era a única pessoa do mundo para quem a minha negritude representou uma auto-negação. Atrás ficavam anos de amnésia e esquecimento. Crescida em sua casa, entre brancos, sempre fui como a maria-rapaz de quem os amigos rapazes dizem ser *one of the guys*. Sei, como essa rapariga sabe, que a rapariga do grupo é, ao mesmo tempo, companheira e foco de agressão disfarçada de desejo disfarçado de indiferença. Sei, como ela, que ser *one of the guys* é um calvário.

8.

Imagino-me escancarar o que sinto, em letras garrafais. A raiz da sublimação é mais o medo do que a cobardia. Regressa a minha mãe e a sua mundividência colonial, com a qual cresci. Os conselhos para que eu e a minha irmã nos casássemos com homens brancos. O desconforto com a sua própria cor de pele. A maneira como se reagiu, a certa altura, em minha casa, à sua decisão de só vestir trajes africanos, com uma condescendência que a aviltava e a diminuía. A minha cerebralidade é menos um estilo, ou um modo, ou uma forma de omissão, ou evasividade, e mais a reacção a uma perseguição, aquela que a turba na minha cabeça lança ao meu corpo e ideias quando elas saem de mim e encontram a rua.

9.

Escrevo perseguida. Como se, na esquina, fosse de novo aparecer o velho senhor guineense que me chamou puta no metro, por eu ter um namorado branco. «Sua puta, aprendeste com a tua mãe!» Esse senhor caminha pela minha página, por todas as páginas em que escrevo. Estas linhas, quaisquer linhas que escreva, vão em passo rápido, embuçadas, a fugir dele e dos seus berros.

O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo

«Fosse eu minha trisavó, preta de carapinha dura, e o meu destino seria o chicote. Ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo, uma mulher deste tempo, é escrever contra esse facto, carregando-o às costas, sem deixar que ele me tolha.»

Escrever é-lhe essencial, é na escrita que se encontra, se define, se questiona, se apazigua, foi na página que descobriu poder ser o que antes lhe havia sido impossível ser plenamente. E, no entanto, a escrita, e ainda mais viver da escrita, ter-lhe-ia sido vedado, tivesse a escritora nascido décadas antes.

Numa reflexão pessoalíssima sobre o que é ser mulher, escritora e negra hoje, Djaimilia Pereira de Almeida, uma das mais destacadas vozes da literatura em língua portuguesa, encara a contradição que é, para uma escritora negra, viver no melhor dos tempos sem se deixar apanhar pela armadilha que esse privilégio pode encerrar.

É com liberdade que Djaimilia vai exercendo o chamamento que esteve vedado às mulheres da sua vida, como a incontáveis outras mulheres negras antes de si. É com consciência do passado e do presente que vai tacteando o espaço que existe no mundo de hoje para uma mulher negra que escreve.

